

JOSÉ MANUEL FERNANDES | ANA JANEIRO

A CASA POPULAR DO ALGARVE

ESPAÇO RURAL E URBANO, EVOLUÇÃO E ACTUALIDADE



A CASA POPULAR DO ALGARVE
ESPAÇO RURAL E URBANO, EVOLUÇÃO E ACTUALIDADE

JOSÉ MANUEL FERNANDES | ANA JANEIRO

CCDR *Algarve*



Em termos de conteúdos, este livro procura desenvolver uma análise estruturada (a partir de trabalho de campo e de arquivo, bibliográfico, iconográfico e fotográfico), referindo de modo sistemático em texto e imagem, os MATERIAIS e técnicas utilizados nas construções tradicionais, as TIPOLOGIAS de casa mais características, e os EXEMPLOS mais qualificados ou notáveis (aceitando casos concretos ainda intactos, ou pouco adulterados, bem como situações de edifícios tradicionais já recuperados). Isto através do registo de obras existentes, seleccionadas, descritas e fotografadas (por vezes desenhadas), seguindo-se a sua análise, comentários e leituras de enquadramento, por meio de um texto de conjunto.

Assim, e através de exemplos concretos das edificações algarvias mais características e representativas, pretende-se levar ao conhecimento do público o muito valioso património arquitectónico vernáculo e popular que tanto contribui para a beleza da paisagem rural e regional do Algarve.

É naturalmente objecto de uma atenção especial toda a área do Barrocal e da Serra que está englobada na chamada "Área de Baixa Densidade do Algarve", bem como as arquitecturas constantes nas onze aldeias dessa área, onde estão em curso intervenções de valorização, apoiadas pelo FEDER, através do PROALGARVE, sem menosprezo para muitas outras situações que merecem a nossa atenção.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O TEMA: CARACTERÍSTICAS, PROBLEMAS, A SITUAÇÃO ACTUAL

- (7) Âmbito, Métodos, Conceitos e Objectivos desta obra (as várias antíteses: Tradicional e Moderno; Erudito e Popular/vernáculo; Urbano e Rural)
- (8) Uma paisagem em plena mutação e desaparecimento
- (11) Paisagens de conjunto
- (17) Relações entre a arquitectura popular e a erudita tradicional, no meio rural e urbano do Algarve

CAPÍTULO 1

UM OLHAR BIBLIOGRÁFICO SOBRE O TEMA: OS ESTUDOS SOBRE ARQUITECTURA POPULAR E TRADICIONAL, RURAL E URBANA, REALIZADOS NO SÉCULO XX. DEFINIÇÃO DAS TIPOLOGIAS

- (19) A pesquisa dos meados do século XX: antropólogos e geógrafos
- (22) O Movimento da Casa Portuguesa e a obra do arquitecto Raul Lino
- (24) Os etnólogos, de Leite de Vasconcelos a Wilhelm Giese
- (25) Outros estudos
- (27) A obra “Arquitectura Popular em Portugal” – Listagem de temas e tipos
- (31) Algumas edições muito recentes, sobre o Sotavento

CAPÍTULO 2

A CASA NO ALGARVE OCIDENTAL: A COSTA VICENTINA E A SERRA DE MONCHIQUE

- (33) A casa rural “pura” e a casa rural e/ou urbana mais simples
- (36) A casa da Costa Vicentina (Carrapateira, Bordeira, Budens, Vila do Bispo, Aljezur, Odeceixe)
- (44) A casa da Serra de Monchique (Alferce, Casais, Marmelete)

CAPÍTULO 3

A CASA DO ALGARVE CENTRAL: DO BARROCAL À SERRA

- (49) A casa de cobertura mista (*varanda* e telhado), com a platibanda ornamentada, o acesso superior (*pangaio*) e a chaminé
- (69) Casas com coberturas telhadas
- (74) As casas de “telhados múltiplos” e/ou “telhados de *tesoura*”
- (83) O tema das casas com açoteias

JOSÉ MANUEL FERNANDES

Nasceu em Lisboa em 1953.

Arquitecto, Professor Agregado em História da Arquitectura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Dos seus livros mais recentes destacam-se “Geração Africana” (2002), “Sete Anos de Lisboa” (2005) e “Arquitectos do Século XX” (2006).

ANA JANEIRO

Nasceu em Lisboa em 1978.

Bacharel em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Master of Arts em Fotografia pelo *Kent Institute of Art and Design*.

AGRADECIMENTOS

O trabalho desenvolvido muito deve, no conhecimento dos exemplos concretos, ao apoio prestado pela CCDR Algarve, bem com às informações prestadas por inúmeros municípios, especialmente aos de Albufeira, Faro, Lagos, Silves, Tavira e Vila Real de Santo António, que responderam em tempo útil ao inquérito realizado. A todos, os autores agradecem a colaboração.

CAPA

Uma casa tradicional térrea, de platibanda, na Boa-Hora (estrada Benafim-Boliqueme): pormenor da fachada, com relevos, “*escaiola*” e denteado, em gosto Art Deco.

CAPÍTULO 4

A CASA DO ALGARVE ORIENTAL: DA SERRA DO CALDEIRÃO AO VALE DO GUADIANA

- [87] A casa dos *montes*: cobertura de uma ou duas águas, pavimentos socalcados
- [93] Os tipos mais elementares de casas
- [96] As casas urbanas e outros temas

CAPÍTULO 5

O SÉCULO XX E A CONTEMPORANEIDADE NA ARQUITECTURA TRADICIONAL

- [99] A casa algarvia na 1.ª metade do século XX – o Romantismo, os *Chalets*, a Arte Nova, a casa à “Antiga Portuguesa”, a casa modernista e a do “Estado Novo”
- [109] Os exemplos de “casas modernas”, de arquitecto, de inspiração popular
- [114] As casas tradicionais recuperadas, do turismo rural aos programas oficiais e à casa própria

CAPÍTULO 6

FORMAS E MATERIAIS TRADICIONAIS: PORMENORES E CONSTRUÇÕES DE APOIO

- [119] O uso da pedra e os seus diversos tipos (xisto da Serra, calcário do Barrocal, grés vermelho de Silves, foiaite de Monchique)
- [123] O trabalho com as alvenarias e as massas: platibandas, *escaiolas* e chaminés
- [136] Os materiais cerâmicos: telhas e telhados, beirais, as *pombinhas*; coroamentos das cimalkas: urnas, esferas, *pinhas* e estátuas
- [141] O trabalho com a madeira: rotulados e *reixas*, no preenchimento de vãos, as armações de telhados de masseira
- [143] Temas gráficos de informação e toponímia
- [144] Construções de apoio à habitação, à produção e ao armazenamento (fornos, silos, azenhas, moinhos, armazéns)

[151] **BIBLIOGRAFIA**

O trabalho que agora se apresenta, encomendado por esta Comissão de Ordenação Regional ao arquitecto José Manuel Fernandes e à fotógrafa Ana Janeiro, dá sequência a outro anteriormente editado – “A Arquitectura no Algarve. Dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese” – e centra-se no tema da Casa Popular do Algarve.

Partindo de um utilíssimo enquadramento metodológico e bibliográfico, aqui se abordam, sem esquecer a dimensão capital do enquadramento paisagístico de conjunto e as relações com a arquitectura erudita, as diferentes tipologias e os exemplos mais notáveis de habitação popular, desde as casas da Costa Vicentina às dos montes do vale do Guadiana, evidenciando a diversidade das soluções construtivas, focando alguns dos materiais tradicionais utilizados, as influências presentes e elementos decorativos como as platibandas, as chaminés e as “pombinhas”.

Espera-se que esta obra, que se assume de divulgação aberta e acessível, constitua um incentivo à preservação e valorização dos elementos arquitectónicos singulares e pelos quais também passa a afirmação competitiva da região.

Agosto, 2008

João Varejão Faria
(Presidente da CCDR Algarve)



Pormenor de fachada numa casa tradicional do Algarve (cunhal, em Alte)

INTRODUÇÃO

O TEMA: CARACTERÍSTICAS, PROBLEMAS, A SITUAÇÃO ACTUAL

ÂMBITO, MÉTODOS, CONCEITOS E OBJECTIVOS DESTA OBRA

As várias antíteses: Tradicional e Moderno; Erudito e Popular/vernáculo; Urbano e Rural

Inserindo-se num amplo estudo da Arquitectura do Algarve, de que já foi publicada uma primeira obra de carácter geral (*Arquitectura no Algarve – dos Primórdios à Actualidade, Uma Leitura de Síntese*, 2005), o presente trabalho desenvolve um tipo de abordagem, especificamente aplicado à Arquitectura Tradicional Popular, que procura valorizar os seguintes aspectos:

- a DIVULGAÇÃO do tema, numa acepção aberta e acessível, e não com sentido académico ou historiográfico estrito;
- a dimensão ESTÉTICA dos edifícios vernáculos e dos seus pormenores (cores, texturas, formas, decorações);
- o valor central da casa TRADICIONAL E POPULAR, no meio rural, sem deixar de a articular com alguns exemplos de arquitectura erudita e urbana;
- os exemplos da arquitectura moderna ou contemporânea, seja de RECUPERAÇÃO de casas tradicionais, seja de obras novas inspiradas nas formas tradicionais.

Em termos de conteúdos, este livro procura desenvolver uma análise estruturada (a partir de trabalho de campo e de arquivo, bibliográfico, iconográfico e fotográfico), referindo de modo sistemático em texto e imagem, os MATERIAIS e técnicas utilizados nas construções tradicionais, as TIPOLOGIAS de casa mais características, e os EXEMPLOS mais qualificados ou notáveis (aceitando casos concretos ainda intactos, ou pouco adulterados, bem como situações de edifícios tradicionais já recuperados). Isto através do registo de obras existentes, seleccionadas, descritas e fotografadas (por vezes desenhadas), seguindo-se a sua análise, comentários e leituras de enquadramento, por meio de um texto de conjunto.

Assim, e através de exemplos concretos das edificações algarvias mais características e representativas, pretende-se levar ao conhecimento do público o muito valioso património arquitectónico vernáculo e popular que tanto contribui para a beleza da paisagem rural e regional do Algarve.

É naturalmente objecto de uma atenção especial toda a área do Barrocal e da Serra que está englobada na chamada “Área de Baixa Densidade do Algarve”, bem como as arquitecturas constantes nas onze aldeias dessa área, onde estão em curso intervenções de valorização, apoiadas pelo FEDER através do PROALGARVE – sem menosprezo para muitas outras situações que merecem a nossa atenção.

Ao estabelecer este método e este programa, há que definir também certos conceitos operativos, por forma a clarificar todo o sentido do que se apresenta e estuda.

O livro considera como conceitos operativos as várias antíteses conceptuais que percorrem o tema arquitectónico escolhido: a questão dos contrastes entre a arquitectura tradicional e as obras modernas e contemporâneas; o problema da distinção entre o desenho de âmbito erudito e a expressão construtiva popular ou vernácula; o contraste entre o contexto urbano e o ambiente rural em que se construíram as obras estudadas; e o aspecto da diferente escala entre as “paisagens de conjunto” e os “objectos arquitectónicos isolados”.



A PESQUISA DOS MEADOS DO SÉCULO XX: ANTROPÓLOGOS E GEÓGRAFOS

A arquitectura popular ou vernácula, elemento estruturante do território e da paisagem, tem no Algarve um precioso legado, original e distinto, que foi já estudado por vários autores. Destacamos aqui Ernesto Veiga de Oliveira, que com o arq. Fernando Galhano, elaborou o trabalho de teor etnográfico **“Zona Algarvia”, para a *Arte Popular em Portugal*** da Editorial Verbo (décadas depois inserida na *Arquitectura Tradicional em Portugal*, Dom Quixote, 1992, págs.170-177), orientado sobretudo para a recolha nas áreas rurais do Algarve, com numerosos apontamentos desenhados, plantas funcionais das casas e perspectivas; e destacamos o texto de Orlando Ribeiro, **“Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira /Influências Orientais na Arquitectura Urbana”** (in *Geografia e Civilização*, 1961), trabalho notável de reflexão teórica e de visão global sobre a problemática da “viagem tipológica” das formas de habitat, através da diáspora islâmica (açoteias) e sobretudo, da portuguesa transcontinental (telhados de *tesoura*) e oceânica, com estudo de exemplos de casas urbanas em Luanda, Índia e outros locais da Expansão.



Casa térrea elementar, no Adro da Igreja de Alferce, Serra de Monchique

A CASA RURAL “PURA” E A CASA RURAL E/OU URBANA MAIS SIMPLES

Esta área do Algarve, de paisagem austera e agreste – se comparada com a da sub-região central – encontra-se sujeita aos duros ventos da costa atlântica, ou ao regime de clima de montanha no seu território mais interior. Corresponde assim, igual e naturalmente, a aglomerados mais pobres e com construções mais simples e menos sofisticadas do que as do Algarve Central. Por exemplo, a platibanda decorativa das fachadas, que é tão corrente naquela área, é aqui quase inexistente. Mesmo nos núcleos urbanos maiores como Aljezur, Vila do Bispo ou Monchique, a sua presença é muito atenuada e discreta.

Pelo contrário, e correspondendo a esta simplicidade geral, a casa rural “pura” – entendendo por esta designação as habitações de uma ou duas águas, frequentemente sem chaminé, ou com chaminés de expressão muito elementar, possuindo paredes caiadas a branco, executadas em alvenarias “pobres” (taipa, pedra ou tijolo), com os pavimentos de tijoleira ou terra batida – tal como foi caracterizada há 50 anos na obra *Arquitectura Popular em Portugal* (ver capítulo 1), surge aqui com frequência, embora actualmente sejam mais os exemplos degradados, muito alterados e modernizados, ou, mais simplesmente, abandonados e em ruínas.

Também nos pequenos aglomerados proto-urbanos desta sub-região, é a casa de expressão geral mais simples e modesta que surge, embora sem nunca perder o carácter urbano comum a todo o Algarve. A **Carrapateira** e a **Bordeira**, perto da linha costeira ocidental-Vicentina, ou a aldeia de Budens, cerca da costa meridional – para destacar algumas das aldeias mais representativas – são bons exemplos desta elementaridade de imagem e de construção arquitectónica: constituindo conjuntos de construções sobretudo habitacionais, estas são ainda maioritariamente térreas, de pequena dimensão, caiadas a branco, sem outro atributo que o telhado simples e por vezes o balcãozinho fronteiro à casa.

Este tema das casas térreas elementares, de cobertura com uma ou duas águas e de expressão geral muito simples, correspondendo aos tipos mencionados na obra acima referida, ocorre pelo menos em três áreas do território: é a casa do Baixo Algarve, a casa da serra de Monchique, e a casa do Caldeirão ao Vale do Guadiana.

**A CASA DE COBERTURA MISTA (VARANDA E TELHADO), COM A PLATIBANDA ORNAMENTADA, O ACESSO SUPERIOR (PANGAIO) E A CHAMINÉ**

“O telhado pode ser cercado de um parapeito, como o do terraço ou soteia, de modo que da rua nem sempre se sabe se a cobertura é telhado ou terraço. Chamam-se estes parapeitos platibandas. São balaustradas ou imitam-nas; de loiça ou de pedra, como, por exemplo, em Portimão. Têm desenhos variados e salientes; geométricos e outros.”

In Etnografia Portuguesa, por Leite de Vasconcelos, op.cit, pág. 295

Com a progressiva industrialização dos materiais e técnicas de construção, no quadro europeu, ao longo do século XIX, a arquitectura doméstica, como as demais, foi recebendo o influxo das conseqüentes mudanças, utilizando progressivamente materiais mais perfeitos, mais resistentes, e mais sofisticados. Foi o caso das matérias cerâmicas, como a nova telha de tipo Marselha, achatada, de encaixe e fixação com arame (logo muito mais estanque do que a telha de canudo), ou das chapas metálicas de isolamento, como o zinco, em módulos ondulados pré-fabricados, que foi substituindo nas empenas a lousa ou a telha.

Em Portugal, e concretamente no Algarve, esta transformação construtiva e tecnológica foi ocorrendo, sobretudo entre o último quartel de Oitocentos e as décadas de 1910-20, e verificou-se em todos os programas de habitação, com frequência nas casas térreas e de dois ou três pisos, em contexto urbano – com alastramento progressivo ao meio rural.

Um dos elementos mais visíveis deste transformação, por uso de materiais e técnicas industriais mais modernas, foi, nas cimalthas dos edifícios, o aparecimento de uma platibanda, ou seja, de um murete ou balaustrada de alvenaria, ao longo da fachada, com aproximadamente um metro de altura, escondendo para o exterior o remate inferior do telhado (e o seu beiral). Peça construtiva afirmativa, a platibanda alteava a edificação, dando-lhe mais imponência e significado visual, logo, de um modo simbólico, mais “status” social.

Esta **platibanda rapidamente assumiu um valor ornamental, como forma arquitectónico-decorativa por excelência** dentro do processo de modernização da casa tradicional – adaptando-se quer ao modelo de cobertura telhada (simples ou de *tesoura*) quer ao da varanda (o terraço da cobertura), quer ainda ao modelo misto, que utilizava ambos os sistemas.

Trata-se afinal de um modo de definir fachadas sem o tradicional beiral, permitindo o escoamento indirecto das águas pluviais (por meio da caleira horizontal de recolha, ao longo do beiral por detrás do murete, passando de seguida aos tubos de queda) – constituindo uma presença mais sofisticada em ruas de contexto urbano, por ser tecnicamente mais apurada. Efectivamente a água das chuvas não cai directamente para o pavimento dos arruamentos (incomodando eventuais transeuntes), mas é antes escoada para a rede de drenagem subterrânea, pelo sistema de tubagens descrito.

Página ao lado, casa no sítio de Agostos (na estrada de S. Bárbara de Nexa para Benatrite), com *varanda*, chaminé e *pangaio*

Pormenor da platibanda, Largo de Sto Estêvão (casa com data de 1913)



Construção de planta circular na Mealha (Cachopo)

CAPÍTULO 4

A CASA DO ALGARVE ORIENTAL: DA SERRA DO CALDEIRÃO AO VALE DO GUADIANA

A CASA DOS MONTES: COBERTURA DE UMA OU DUAS ÁGUAS, PAVIMENTOS SOCALCADOS

A ampla área serrana situada entre a Serra do Caldeirão e o Vale do Guadiana – que podemos percorrer por estrada, para cima do Barranco do Velho, desde o Ameixial, a Mealha e o Cachopo, passando a Martim Longo, Vaqueiros, Giões e Alcaria Alta, até Alcoutim – representa hoje, talvez, o sector de território algarvio em que encontramos mais preservada e intacta a casa popular tradicional, térrea, construída em xisto e caiada. E preservada mais frequentemente por abandono ou no processo de uma lenta decadência, do que por acções de recuperação que cada vez se impõem como mais necessárias.

Efectivamente, foi neste percurso que se pôde detectar uma série de habitações elementares, térreas, representadas na obra *Arquitectura Popular em Portugal* (cujos registos fotográficos são de há 50 anos), e praticamente iguais ainda nos seus materiais e características. Tal sucedeu, por exemplo, nas aldeias de Corte Serrano, de Barrada (esta com alguma degradação) e de Alcaria Alta, como adiante se refere.

Na obra *Baixo Guadiana /Caminhos do Património*, mencionada no início deste estudo, é apresentada uma breve síntese sobre as características da casa tradicional desta sub-região algarvia: “A casa tradicional da região é historicamente uma estrutura térrea de base rectangular e de uma só água, marcada por uma grande flexibilidade evolutiva e capaz de suportar sucessivas ampliações de acordo com as necessidades pontuais do agregado familiar. Mantendo-se inalterada a fachada e a ordem perene do pátio voltado normalmente a sul, a casa inicial vai crescendo para os lados, para trás (encetando então uma nova água).” (in op.cit, pág. 129)

Esta caracterização está de acordo com a tipologia mais própria da habitação na área, tal como é entendida na obra *Arquitectura Popular em Portugal* (em 1961), quando se refere à habitação do Vale do Guadiana, em geral com uma só água, com paredes de xisto e com pavimentos de terra batida. No entanto, ocorre também aqui a casa térrea com duas águas, e surgem uma série de variantes no aproveitamento interno dos espaços de viver.

Citamos, a este propósito, a dita obra: “Na Serra do Caldeirão – fronteira natural entre o Alentejo e o Algarve – região de xisto, onde as construções manifestam afinidades com as daquelas duas províncias, as habitações apresentam aspectos bem definidos e curiosos.

As suas proporções, a simplicidade e sobretudo a escala dos seus elementos, o emprego do xisto nas alvenarias e a combinação dos paramentos deste material, com a cal que o reveste, são de registar.

Estas habitações apresentam a forma rectangular habitual, contudo é dado ver a junção dos vários corpos com a mesma configuração, muitas vezes em diferentes níveis, formando um único conjunto.” (...) As paredes divisórias são os elementos de suporte da cobertura, que é na generalidade de uma só pente, cobrindo em alguns casos, apreciáveis superfícies.”(pág. 331, op. cit)



“Chalet das Caldas”, nas Caldas de Monchique

A CASA ALGARVIA NA 1.ª METADE DO SÉCULO XX – O ROMANTISMO, OS CHALETS, A ARTE NOVA, A CASA À “ANTIGA PORTUGUESA”, A CASA MODERNISTA E A DO “ESTADO NOVO”

Embora não sejam fruto de construtores vernáculos, mas antes de autores mais eruditos (por vezes até arquitectos), as obras analisadas neste capítulo revelam um aspecto importante do tema da casa popular: a sua evolução, ou substituição, sobretudo a partir do século XIX, por via da maior internacionalização de influências e modas estilísticas e construtivas; e, em contrapartida, a importância que as casas populares do Algarve foi adquirindo na concepção de projectos de arquitectura por arquitectos, para habitações de férias na região – sobretudo depois da publicação e divulgação marcante da obra *Arquitectura Popular em Portugal*.

OS CHALETS

Como no restante país, as tipologias tradicionais foram durante o período do Romantismo, no século XIX, renovadas através da introdução de modelos arquitectónicos exteriores à tradição de habitação mais vernácula e enraizada. O tema mais corrente, identificador das novas ideias, remete então para o designado *chalet*: uma casa com uso de coberturas muito inclinadas, com emprego de madeiras aparentes, em sanqueados muito salientes da fachada, com utilização da telha industrial (a de tipo Marselha). Associados a este novo conceito de casa, surgem também os vãos com desenho ogival – numa evocação simbólica do revivalismo neo-gótico – e a aplicação de elementos construtivos complementares, como mirantes e terraços. Este tipo de casa porém, está mais associado às novas classes possidentes, como a classe média e “burguesa” urbana – e menos aos grupos mais pobres e rurais da sociedade portuguesa e algarvia.

O aparecimento deste novo tipo de construção, que de algum modo visualiza e sintetiza o tema da casa familiar centro-europeia – numa tipificada “casa das montanhas” – ocorre mais nas regiões serranas (no Algarve, a Serra de Monchique e seus núcleos urbanos), ou então nos centros urbanos mais importantes, como modo inovador e “à moda” de construir a casa nova, ou a casa de veraneio... tal como sucede nos exemplos a seguir referidos, de Tavira ou de Messines.

Em São Bartolomeu de Messines, uma construção de tipo próprio do período do Romantismo, da fase oitocentista, dentro do modelo do pequeno palacete burguês com jardim, ostenta ainda os vãos da fachada com os lintéis em bico, ou em “V” (no que deve se uma simplificação vernacularizante do motivo ogival ou neo-gótico). Na cobertura possui um terraço ou *varanda*, conjugada com a parte telhada.

A povoação das Caldas de Monchique constitui uma localidade *sui generis* no contexto dos pequenos núcleos algarvios. A sua origem especializada,



Página ao lado, chaminé em São Marcos da Serra, datada de 1909 (edificada numa casa térrea da rua do Castelo n.º 22, recuperada recentemente)

Lintel em Estoi



O USO DA PEDRA E OS SEUS DIVERSOS TIPOS (XISTO DA SERRA, CALCÁRIO DO BARROCAL, GRÉS VERMELHO DE SILVES, FOIAÍTE DE MONCHIQUE)

Os vários tipos de pedra que se encontram no solo e no sub-solo algarvio (ver capítulo 1) permitem uma diversidade de expressões construtivas e arquitectónicas – dos mais correntes xisto e calcário, respectivamente por toda a Serra e Barrocal, aos excepcionais e localizados grés de Silves e Messines (um arenito) e à dura pedra de Monchique, a foiaíte.

O **calcário** está normalmente reservado para uso em partes mais nobres da construção arquitectónica – como as molduras dos vãos, em portas e janelas. O caso histórico mais exemplar, embora em articulação com as formas eruditas, é o dos portais manuelinos das pequenas igrejas da região, como sucede na Raposeira ou em Querença – onde a delicadeza e qualidade matérica desta pedra permitiu um elevado nível de detalhe nos elementos decorativos e figurativos que compõem os respectivos portais.

Mas é também frequente a utilização deste tipo de pedra de tom claro em lintéis ornamentados, sobre as portas das casas populares: é o caso do lintel em pedra calcária numa casa de São Brás de Alportel – integrado no conjunto de duas casas: com o n.º 35, datada de 1876, e com o n.º 39, datada de 1888 – já atrás referidas.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

A Casa Popular do Algarve, espaço rural e urbano, evolução e actualidade

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

TEXTO

José Manuel Fernandes

FOTOGRAFIA

Ana Janeiro

DESIGN GRÁFICO

Planeta Tangerina

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Rainho & Neves Lda

ISBN 978-989-8208-00-2

DEPÓSITO LEGAL xxxx

N.º DE EXEMPLARES 2 000

DATA DE EDIÇÃO Agosto 2008

 Edições
Afrontamento

 **CCDR** *Algarve*
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALGARVE

 **PRO**Algarve

 **UNIÃO EUROPEIA**
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional